



Eixo: Trabalho, Questão Social e Serviço Social.
Sub-eixo: Trabalho, questão social e serviço social – fundamentos.

INDICAÇÕES PARA O ESTUDO DA TEORIA DO VALOR TRABALHO DE MARX

MARIA HELENA RAUTA RAMOS¹

Resumo: Seguimos o estudo de Dostaler (2013), com auxílio de intérpretes de Marx (Rubin e Mandel), bem como o exame de sua própria obra. A teoria do valor trabalho explica a origem do valor agregado às mercadorias, através do trabalho pago e trabalho não pago, a mais-valia, culminando com a transformação do valor em preço de produção, processo concernente à distribuição desigual do lucro, provocado pela concorrência capitalista. Em *O Capital*, que tem como eixo essa teoria, Marx expõe a lógica da dinâmica do surgimento, desenvolvimento, decadência e queda da dominação do modo capitalista de produção.

Palavras-chave: Teoria do valor trabalho; trabalho pago e trabalho não pago; mais-valia; preço de custo e preço de produção; concorrência; nivelamento e perequação da taxa de lucro.

Abstract: We followed the study of Dostaler (2013), with the aid of Marx interpreters (Rubin and Mandel), as well as the examination of his own work. The work-value theory explains the origin of the value added to the merchandises, through the paid work and unpaid work, the added value, culminating in the transformation of the value into production price, process regarding the unequal distribution of profit, caused for capitalist competition. In *The capital*, which has as its axis this theory, Marx exposes the logic of the dynamics of the emergence, development, decay and fall of domination of the capitalist mode of production.

Keywords: Theory of labor value; paid labor and unpaid labor; added value; cost price and production price; competition; leveling and equalization of profit rate.

1. INTRODUÇÃO

Fazemos um rápido percurso pela obra de Marx, com a intenção de indicar um roteiro de estudos da sua teoria do valor trabalho. Inicialmente, referimo-nos aos *Cadernos de Estudos sobre Ricardo* e, em seguida, reportamo-nos aos *Grundrisse* (1857-1858) para chegar à *Contribuição à crítica da Economia Política* (1859), e então alcançar as *Teorias da mais-valia* (considerado o Livro IV d'*O Capital*). Desembocamo-nos, finalmente, em *O Capital*², com um destaque para o tomo 5 (MARX, 2008^b). Desse modo, observamos que Marx

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: <rauta.ramos@gmail.com>

² Tomo I e II (Livro I, 2003^a e 2003^b), Tomo III (Livro II, 2013), Tomo IV, V e VI (Livro III, 2013, 2008^b e 2008^c).

percorreu um longo trajeto³ para a descoberta e elaboração da teoria do valor trabalho, eixo articulador d' *O Capital*.

A distribuição desigual dos lucros entre os diferentes sujeitos econômicos (capitalista industrial, capitalista comercial, capitalista banqueiro e proprietários da terra) ocorre mediante o nivelamento da taxa de lucro, com o estabelecimento da taxa média de lucro. Por conseguinte, Marx refuta a falsa noção, difundida pelos economistas vulgares, de uma trindade econômica nas fontes de rendimento (capital, trabalho e terra), ocultando, dessa maneira, a exploração do trabalho pelo capital (MARX, 2003^a e 2003^b). Smith e Ricardo já rejeitavam a tese da trindade econômica, em que os sujeitos, corporificando capital e terra, produziram valor. Para eles, como também para Marx, o trabalho é a única fonte de valor incorporado à mercadoria.

Marx, além de ratificar o trabalho como a única fonte do valor, elabora a tese, inédita entre os economistas clássicos, da formação da mais-valia que é agregada à mercadoria, resultante do trabalho não pago, a mais-valia. A transfiguração da mais-valia na forma de lucro atende aos interesses dos capitalistas, na medida em que escamoteia a exploração do trabalho pelo capital. Portanto, o lucro do industrial, o lucro do comerciante, o juro bancário e a renda da terra, todos provêm de uma mesma fonte, o sobretrabalho, isto é, o trabalho não pago expropriado dos operários, no processo de fabricação das mercadorias, que é distribuído desigualmente entre as diferentes frações do capital.

O operário, na sua jornada de trabalho, além do trabalho necessário⁴, efetua também o trabalho excedente, o sobretrabalho, isto é, o trabalho não pago. Esse mais valor, ou mais-valia que é distribuída na circulação, de forma desigual⁵, entre os diversos agentes econômicos: o industrial, o comerciante, o banqueiro e o proprietário da terra. Por conseguinte, Marx demonstra que o

³ Trajetória intelectual que ultrapassa uma década de estudos, período mais produtivo de sua vida.

⁴ Que cobre o preço de custo da mercadoria, ou seja, os gastos com a reposição dos meios de produção, aquisição da matéria prima e de materiais auxiliares e o pagamento do salário dos operários.

⁵ Garantindo superlucros para algumas frações do capital, lucros médios para outras e sublucros ainda para outras o que levar à falência desses empresários.

tempo de trabalho é a única fonte de valor agregado à mercadoria, tudo mais é daí derivado, inclusive o que se passa na circulação. O preço de custo de uma mercadoria é constituído dos gastos da produção repostos pelo tempo de trabalho necessário; quando se agrega na produção da mercadoria a mais-valia (sobretalho, ou trabalho não pago), transfigurada na forma de lucro, então se constitui o preço de produção.

A grande questão abordada em sua obra e, em especial no Livro III (MARX, 2013, 2008^b e 2008^c), é a transformação do valor em preço de produção. De fato, o deslindamento desse processo responde a uma das questões, formuladas pelos críticos de Ricardo (em relação a sua teoria do valor trabalho, ou seja, a tese relativa ao tempo de trabalho como a única fonte da riqueza social, inclusive da renda da terra abordada no tomo 6 de *O Capital*, integrante do Livro III (MARX, 2008^c), resumidas em 4 objeções contidas na *Contribuição à crítica da economia política* (Marx, 2008c, p. 91-92).

De acordo com Mandel, Marx ultrapassou Ricardo em três aspectos:

- o primeiro refere-se à teoria da mais valia elaborada por Marx que permitiu a descoberta da "[...] lei subjacente a toda evolução histórica, a lei que explica a luta de classe" (MANDEL, 1962^b, p. 401).
- o segundo diz respeito às teorias elaboradas por Marx referentes à a) perequação da taxa de lucro, b) formação dos preços de produção e c) queda tendencial da taxa de lucro, o que possibilitou transformar um sistema econômico essencialmente estático num sistema dinâmico, levando-o às principais leis de desenvolvimento do capital;
- o terceiro se relaciona com sua teoria da reprodução do capital e da renda nacional, como também sua teoria embrionária das crises, quando conseguiu, ao mesmo tempo, "[...] uma primeira síntese prática das concepções microeconômicas e das concepções macroeconômicas" (MANDEL, 1962b, p. 401)⁶

2. DESENVOLVIMENTO

Nos *Manuscritos econômicos filosóficos de 1844*, Marx ainda usa as categorias

⁶ Esse terceiro aspecto não será aqui tratado.

de Smith: "[...] *capital fixo e capital circulante, preço de mercado e preço natural, preço natural como soma das rendas*" (DOSTALER, Gilles, 2013, p. 148).⁷ Somente em 1845, quando passa alguns dias na Inglaterra, entra em contato com a teoria do valor de Ricardo, lendo a obra de socialistas ricardianos. Nesse momento, aceita sua teoria de valor trabalho e, em *Miséria da Filosofia* (fim de 1846), faz uma crítica à interpretação utópica de Proudhon. Com a incorporação em seus estudos da teoria de Ricardo, Marx deu o primeiro passo na elaboração da sua teoria de valor trabalho.

Ricardo não havia explicado todos os fenômenos relativos ao valor trabalho, "[...] *particularmente aquele da taxa de lucro*" (idem, p. 149), na medida em que quando se observa os lucros dos capitalistas sendo proporcionais ao capital adiantado, capital esse investido em máquinas, matérias primas e salários, a relação entre lucros e salários fica bastante distanciada. Era necessário desvendar esse mistério oculto atrás da mercadoria. Ou seja, precisava ser explicada a repartição desigual do excedente, ou seja, a perequação dos lucros, o que Marx realiza no desenvolvimento de sua obra.

Nos "*Cadernos de estudos sobre Ricardo*", escritos em 1851, Marx já aborda o "[...] *problema da contradição entre a lei do valor e o princípio da equalização das taxas de lucro*" (idem, 2013, p. 150), enunciando um esboço de solução, tratada em profundidade somente no Livro III d' *O Capital* (em especial, Tomo V, 2008^b). Aí, Marx procura dar conta de algumas objeções feitas à teoria de Ricardo por seus críticos, entre as quais, a questão do excedente, mas Marx não chega a problematizar nessa obra a perequação do lucro (distribuição desigual do lucro por meio do nivelamento da taxa de lucro). Ainda não havia formulado a categoria *mais-valia*, explicitada anos mais tarde (1857-1858), em *Os Grundrisse*, entretanto delinea elementos de seu conteúdo nas concepções de *superplus* e superlucro. Desse modo, era necessário encontrar a solução da pretensa contradição entre a teoria do valor trabalho, elaborada por Ricardo, e a tendência ao nivelamento da taxa do lucro, base da distribuição desigual do lucro entre os diversos capitais. Marx parte do seguinte pressuposto: os capitalistas não podem repartir o lucro, se este já não estivesse contido nas

⁷ A tradução é de nossa responsabilidade.

mercadorias antes de entrar na circulação, ou seja, mais valor precisa já ter sido agregado à mercadoria, no processo de sua produção, quer dizer, antes desta ingressar no processo de circulação (compra e venda).

Em *Os Grundrisse* (MARX, 2011), obra datada de 1857-1858, Marx dá um passo fundamental na crítica à teoria ricardiana: expõe o processo de extração da mais-valia na produção fabril (trabalho não pago ou sobretrabalho, integrado na jornada de trabalho do operariado, além do trabalho necessário na produção da mercadoria). Além disso, quando Marx trata da mercadoria, ele formula sua teoria do dinheiro e faz a distinção entre valor e preço; mas ainda não faz referência ao preço de produção. Contudo essa concepção já se encontra aí esboçada quando estabelece a diferença entre taxa de lucro e taxa de mais-valia. Através da categoria mais-valia, agora formulada claramente, "*Marx pode mostrar as razões da diferença entre essas duas taxas, e o problema que coloca pela desigualdade das massas de mais-valia produzidas por capitais de composição orgânica diferente*" (DOSTALER, 2013, p. 151). Destaca que, na venda de suas mercadorias, capitalistas podem deixar de realizar a mais-valia completa, dado o nivelamento da taxa de lucro, realizado no processo de circulação. Isso porque o preço no mercado pode cair abaixo do valor, como também pode se elevar acima dele.

Antes dos *Grundrisse*, o preço era tratado como simples expressão do valor em dinheiro. Nesse manuscrito, Marx avança abordando o preço como uma grandeza específica. Ou seja, nesse momento Marx está se referindo ao preço de produção, que é determinado pelo valor, mas que sofre a ação de outros condicionantes que incidem sobre ele no processo de circulação. Desde seu início, Marx trata do problema da diferença entre o valor e o preço, explicando "[...] *que não se pode exprimir diretamente o valor em tempo de trabalho, porque, precisamente, o preço é diferente do valor*" (op. cit. p. 150), por isso é necessário, para expressar o valor o uso de uma mercadoria especial, a moeda. Marx trata claramente da questão da taxa geral do lucro, base sobre a qual se assenta o nivelamento da taxa de lucro, para fixação do preço de produção, processo necessário à perequação do lucro, realizada no mercado e através dele. Na medida em que as taxas de lucro são desiguais entre empresas de um mesmo ramo e de distintos ramos de produção, sendo umas

maiores do que outras, Marx chega a seguinte conclusão: "[...] *uma parte da mais-valia - sobretrabalho - é transferida de um capitalista para outro*" (DOSTALER, 2013, p. 151) no processo de circulação das mercadorias, mediante o nivelamento da taxa de lucro, constituindo a taxa média de lucro. Assim, capitais adiantados de igual montante podem apresentar taxas de lucro desiguais, a depender de diferentes fatores: 1) os provenientes da produtividade do trabalho que tem a ver com a relação entre as matérias primas, equipamentos, máquinas e inovação de tecnologias; 2) os referentes aos gastos com a força de trabalho; 3) e aqueles decorrentes do volume no qual as mercadorias devem ser produzidas. Assim, através do estabelecimento da taxa média de lucro (também chamada taxa geral de lucro) pode ser fixado o preço de produção de uma determinada mercadoria, base da redistribuição desigual do lucro entre os diferentes capitalistas envolvidos, isto é, a perequação do lucro: capitalistas com taxas de lucro elevadas cedem parte da mais-valia extraída a outros capitalistas com menores taxas de lucratividade; processo esse correspondente à redistribuição da mais-valia, que é regulada pela concorrência, processo que leva os capitalistas a uma corrida mortal para a elevação da composição orgânica de seu capital (relação entre capital constante e capital variável) com a substituição de seu maquinário e o uso de novas tecnologias. Dostaler conclui que "*O mecanismo da perequação das taxas de lucro é ligado à distância entre preço e valores*" (idem). E que, como Marx afirma diversas vezes, "[...] *esta distribuição da mais-valia não muda em nada o processo de criação do sobretrabalho total, fruto da exploração capitalista*" (idem, p. 152). Desse modo, não existe contradição entre a perequação da taxa de lucro e a lei do valor. O desigual lucro nos diversos ramos produtivos decorre de compensações operadas pela concorrência, o que induz a que partes da mais-valia, produzida por diferentes capitalistas, sejam transferidas para outros capitalistas portadores de taxas menores de lucro. Nesse processo de perequação, a parte alíquota de mais-valia que cabe a cada capitalista guarda correspondência com o volume do capital que investe em sua produção. Marx adverte: no processo de perequação do lucro, é

necessário levar também em consideração o tempo de circulação do capital⁸.

Essa questão referente ao tempo em que o capital ficou parado ou ao tempo de sua circulação é bastante complexa. E Marx não se cansou de retornar a essa discussão, em manuscritos de preparação do Livro II d' *O Capital*. Os economistas geralmente fazem confusão entre os fenômenos suscitados pelo modo de calcular a distribuição da mais-valia e o problema da circulação do capital. "*Esta confusão, presente tanto em Ricardo como nos economistas vulgares, é a confusão entre lucro e mais-valia, taxa de lucro e taxa de mais-valia*" (idem). Nesse manuscrito de 1857-1858, Marx esclarece o processo de transformação da mais-valia em lucro, muito embora não explique diretamente a transformação do valor em preço de produção. E segundo Dostaler, nem esta expressão - preço de produção - se encontra nesse manuscrito. No entanto, a noção de preço de custo, que antecede a de preço de produção, encontra-se bem desenvolvida, tanto no que se refere ao custo de produção real e como ao custo de produção para o capitalista⁹. Aí "*Marx indica que os gastos de reprodução são constituídos de preços, diferentes dos valores, e que será necessário considerar esse fato no estudo da concorrência*" (idem, p. 153). Marx ressalta ainda o seguinte: "*A desigualdade do lucro nos diversos ramos de indústria para os capitais de mesmo volume, isto é, a desigualdade da taxa de lucro, é a condição e a premissa das compensações operadas pela concorrência*" (idem). Para os capitalistas é bastante importante a comparação entre preço corrente de seu produto e os preços dos elementos insumos necessários à produção de mercadorias, os quais existem desde o começo do processo de produção, em forma de preço; e são supostos como tal ou seja através de preços (gastos na aquisição de matérias primas, matérias auxiliares, manutenção dos instrumentos de trabalho e nos salários dos operários para a garantia de sua reprodução física). Em relação à mercadoria, o estatuto do valor de troca difere daquele do preço. Como transcreve Dostaler, extraído de *Os Grundrisse*:

A mercadoria enquanto tal é valor de troca, ela tem um preço. Nessa

⁸ Ver: Dostaler, 2013, p. 152

⁹ Custo de produção real refere-se às despesas com a força de trabalho. E custo de produção para o capitalista inclui todas as despesas da produção.

diferença entre valor de troca e preço, parece que o trabalho individual particular contido na mercadoria deve primeiro ser representado pelo processo da alienação como seu contrário, como trabalho geral abstrato, impessoal e social somente sob esta forma, isto é, como moeda (idem, p. 156).

Ao finalizar a exposição das leis gerais referentes à relação entre taxa de mais-valia e taxa de lucro, Marx se dirige imediatamente ao tratamento da lei mais importante da economia moderna: a lei tendencial à queda da taxa de lucro¹⁰, já constatada mas não explicada por Smith e Ricardo, uma vez que não distinguiam lucro de mais-valia. Marx elucidou o mecanismo de transformação de mais-valia em lucro para dar conta da lei tendencial à queda da taxa de lucro. Como também analisou a transformação do valor em preço de produção para explicar a renda absoluta não aceita por Ricardo.

O objeto de *Para a crítica da economia política* (1859)¹¹ está centrado na mercadoria e no dinheiro, base sobre a qual Marx assenta sua teoria do valor trabalho, examinando as duas dimensões da contradição interna da mercadoria: valor de uso e valor de troca. Marx inicia sua exposição com a famosa frase "[...] a riqueza burguesa aparece como uma enorme acumulação de mercadorias, e a mercadoria isolada como seu modo elementar" (MARX, 1982^b, p. 31); e na sequência afiança que a mercadoria se manifesta sob dois aspectos: *valor de uso e de valor de troca*, asseverando que o valor de troca da mercadoria é criado pelo *trabalho geral-abstrato*. O tempo de trabalho não pago, criador de mais-valia, é agregado à mercadoria, não simplesmente enquanto tempo de trabalho de um operário isolado, mas do trabalhador coletivo, ou seja, é trabalho social. Como expõe Marx:

Para a compreensão da determinação do valor de troca por tempo de trabalho, é preciso manter os seguintes pontos de vista principais: a redução do trabalho a trabalho simples, trabalho sem qualidade; por assim dizer; o modo específico em que o trabalho que põe valor de troca, portanto, o trabalho que produz mercadorias, é *trabalho social*; finalmente, a diferença entre o trabalho enquanto resulte em valores de uso e o trabalho enquanto resulte em valores de troca.

Para medir os valores de troca das mercadorias pelo tempo de trabalho contido nelas, os diversos trabalhos devem estar reduzidos a trabalho sem diferenças, uniforme, simples [...] por isso se diferencia apenas quantitativamente.

Essa redução aparece como uma abstração, mas é uma abstração que é praticada diretamente no processo social de produção (idem, p.

¹⁰ Capítulos XIII, XIV e XV.

¹¹ Em algumas traduções essa obra é intitulada *Contribuição à Crítica da Economia Política*.

33).

Finalmente, o trabalho que põe valor de troca se caracteriza pela apresentação, por assim dizer, às avessas, da relação social das pessoas, ou seja, como uma relação entre coisas aparecem, por assim dizer, invertidas, como a relação social das coisas. Somente na medida em que um valor de uso se relaciona com um outro como valor de troca é que o trabalho das diferentes pessoas se relaciona entre si como igual e geral. Por isso, se é correto dizer que o valor de troca é uma relação entre pessoas, é preciso contudo acrescentar: relação encoberta por coisas (idem, p. 35).

Assim, o valor de troca diz respeito ao tempo de trabalho que a sociedade precisa gastar, nas condições sociais dadas, para produzir determinados valores de uso, ou seja, que venha satisfazer necessidades sociais determinadas.

O raciocínio da Escola marginalista, nascida na esteira da crítica ao pensamento de Ricardo, parte do pressuposto de que o valor de troca das mercadorias é determinado por seus valores de uso. Também alguns marxistas revisionistas, ecléticos, criticam o fato de que no cálculo do valor de troca das mercadorias Marx tenha deixado de lado o valor de uso.

Marx finaliza o capítulo sobre a mercadoria, nesse manuscrito, com uma "*Apontamentos históricos para a análise da mercadoria*" (MARX, 1982^b, p. 47-53), atribuindo os créditos da descoberta da teoria do valor trabalho à economia política clássica:

A análise da mercadoria através da redução desta a um trabalho de dupla forma (de um lado a redução) do valor de uso a trabalho real, isto é, à atividade produtiva aplicada a um fim, de outro, do valor de troca a tempo de trabalho, ou seja, a trabalho social igual, é o resultado crítico final de mais de século e meio de pesquisas da Economia Política clássica. Ela, que começa na Inglaterra com William Petty, e na França com Boisguillebert, termina com Ricardo na Inglaterra e Sismondy na França (idem, p. 47).

Considera que Ricardo deu à economia sua forma acabada, ao formular e desenvolver de modo mais claro "[...] a *determinação do valor da mercadoria pelo tempo de trabalho*" (idem, p. 52), mostrando que essa mesma lei domina as relações sociais burguesas.. No fim desses apontamentos, Marx arrola quatro objeções dos economistas vulgares à teoria de Ricardo e a resposta que deu a cada uma delas. Para Dostaler, as duas primeiras objeções podem ser unificadas e resumidas em uma apenas: "[...] a *contradição entre a teoria do valor e a troca entre o capital e o trabalho*" (DOSTALER, 2013, p. 155),

contradição resolvida "[...] *pela distinção entre trabalho e força de trabalho, o estudo da transformação dessa força de trabalho em mercadoria, e portanto pela teoria da mais-valia*" (idem). A terceira questão é relativa ao preço de mercado, explicada pelos economistas vulgares através da Lei de oferta e procura, a qual, de acordo com os economistas vulgares (vinculados à escola marginalista), determina o valor de troca das mercadorias, ou seja, o valor de troca seria determinado pela demanda em relação à oferta, ou seja, pelo valor de uso e não pelo tempo de trabalho. Essa objeção¹² foi resolvida na elucidação do processo de concorrência que ocorre no mercado capitalista. No mercado o preço de produção é fixado mediante o nivelamento da taxa de lucro, o que vai garantir a distribuição desigual da massa de lucro extraída. mas segundo Marx, o valor é sempre determinado pela extração da mais-valia no Por último, a quarta questão trata das mercadorias que apesar de conter valor de troca, este não decorre da incorporação de tempo de trabalho na sua produção. Por exemplo, as simples forças da natureza, como a água. A resposta a esse problema é dada pela teoria da renda fundiária cuja explanação está contida no tomo 6 do Livro III d' *O Capital* (2008^c). Nessa obra, Marx se limita à discussão da mercadoria, da moeda e da teoria do valor, portanto restringe sua discussão ao processo imediato de produção; não abordando os problemas referentes à "[...] *confusão entre mais-valia e lucro, taxa de mais-valia e taxa de lucro, e portanto, entre valor e preço de produção*" (DOSTALER, 2013, p. 151). Até a publicação desse manuscrito, a noção de preço era definido como expressão numérica do valor de troca, isto é o preço enquanto valor de troca avaliado em dinheiro e separado do valor de uso. Portanto, depois de sua publicação, em 1859, o preço assume a concepção de uma categoria específica. Pode-se observar no capítulo intitulado "O dinheiro ou a circulação simples", que Marx vai mais longe. O dinheiro ao servir como expressão do valor de troca das mercadorias, tem a função de equivalente geral, sendo o grau dessa equivalência expressa no preço, forma metamorfoseada de manifestação do valor de troca das mercadorias no limitado espaço de sua circulação. Marx objeta que o valor de troca não pode

¹² O pagamento ao trabalhador, em forma de salário, cobre apenas o trabalho necessário contido nas mercadorias.

ser expresso diretamente em tempo de trabalho.

A forma do equivalente geral passou por metamorfoses, chegando à forma papel-moeda, a qual de fato, diferente do ouro, sem significância como valor de troca, salvo na função de equivalente geral das mercadorias. Mas Marx chegou a prever a supressão dessa forma, por outra idealmente constituída, como ocorre hoje, por exemplo, a troca é comumente realizada através de cartão de débito e crédito. Nessa obra, Marx não aborda a questão referente à relação entre lucro e mais-valia, taxa de lucro e taxa de mais-valia, valor e preço de produção, diferença que os economistas vulgares não faziam (inclusive o próprio Ricardo), já tratadas em *Os Grundrisse*. Marx prossegue, em seus estudos, no aprofundamento da solução para a aparente contradição entre a teoria do valor trabalho, elaborada por Ricardo, e a distribuição desigual do lucro, desenvolvendo a tese da tendência ao nivelamento da taxa do lucro, base da perequação do lucro (distribuição desigual) entre os diversos capitais. Ele parte do seguinte pressuposto: os capitalistas não podem repartir o lucro, se este já não estiver contido nas mercadorias antes de entrar na circulação, ou seja, mais valor precisa já ter sido agregado à mercadoria antes desta ingressar no processo de compra e venda.

Na fase final de preparação dos manuscritos d'*O Capital*, Marx conclui suas descobertas sobre a transformação do valor em preço de produção, com o estabelecimento da taxa média de lucro e a consequente perequação do lucro entre os diferentes capitais, esclarecendo, inclusive, a questão da renda da terra, dos superlucros e da tendência a crises do capital levada pela queda da taxa de lucro. Marx resolveu a primeira questão, referente a dificuldade da teoria do valor de Ricardo, nos cinco primeiros manuscritos, escritos no período entre 1861-1863)¹³, referente à troca entre capital e trabalho, que corresponde à "lei do valor".

Mas há existe uma segunda dificuldade, que será enfrentada na redação dos manuscritos seguintes: "[...] capitais de mesma grandeza, qualquer que seja sua composição orgânica, aportam o mesmo lucro, - ou a taxa geral de lucro" (idem, p. 157). Ou seja, explicar de modo definitivo como os valores se

¹³ Considerados o último rascunho do Livro I d'*O Capital*.

transformam em preço de produção, processo do qual decorre a perequação do lucro. Essa segunda dificuldade foi resolvida inicialmente por Marx, "[...] na seção g das Teorias [...], intitulada 'Senhor Rodbertus-Digressão', localizada entre a crítica de Smith e a de Ricardo" (idem)¹⁴. Desse modo, em *Teorias sobre a mais-valia*¹⁵, Marx examina definitivamente o "[...] problema não reconhecido da conversão dos valores em preço de produção" (idem), onde explicita a questão da renda absoluta, ratificando a lei do valor trabalho.

Em relação ao tratamento dado à teoria da renda, abordada na digressão sobre Rodbertus, apreende-se que essa guarda relação com a concepção de preço de produção, na medida em que a renda da terra é parte da mais-valia agregada ao preço de produção. Portanto, em *Teorias sobre a mais-valia*, Marx desenvolve a lei geral da teoria da renda, com o objetivo de ilustrar a teoria sobre os valores, os preços de custo e os preços de produção e os superlucros¹⁶.

Quanto à matéria sobre "capital e lucro", referente à formação da taxa geral de lucro, no tomo 3 das *Teorias*, Marx lista os pontos necessários a serem examinados, onde consta, no item 5, a "Transformação dos valores em preço de produção":

1. Diferença de composição orgânica dos capitais...
2. Diferenças na relação de valor das frações de capitais distintos que não decorrem de sua composição orgânica...
3. Diferença das taxas de lucro, nas diferentes esferas de produção capitalista, que resulta dessas diferenças...
4. Mas o que foi desenvolvido no Cap. 1 vale para o *capital total*. Na produção capitalista supõe-se que todo capital é uma parcela, uma parte alíquota do capital total. *Formação da taxa geral de lucro* (concorrência)...
5. *Transformação dos valores em preço de produção*. Diferença entre valor, custo de produção e preço de produção.
6. Para incluir ainda o raciocínio de Ricardo, influência das flutuações gerais do salário sobre a taxa geral de lucro e na continuidade sobre

¹⁴ Em 18 de junho de 1862, Marx escreve a Engels, afirmando que fez descobertas interessantes e surpreendentes depois do último encontro deles. Em 2 de agosto, em outra carta, comunica a Engels, ter encontrado a solução para o problema da transformação do valor em preço de produção. É essa solução é retomada no Livro III, d' *O Capital*.

¹⁵ Publicado em três volumes, pela editora Siglo Veintiuno, considerados como o Livro IV d' *O Capital*).

¹⁶ Ao elaborar sua teoria da renda, pensava em tornar o manuscrito sobre as *Teorias da mais-valia* um anexo da obra que tratava dos preços de produção. Mas como os capítulos sobre a renda ocuparam perto de 400 páginas, foram incluídos nas *Teorias* como mais um volume.

os preços de produção (MARX, 1861-63, tomo 3, p. 484-485, citado por DOSTALER, p. 158).

No Livro I *Capital*, partindo de *Para a crítica da economia política*, Marx explica o processo de produção das mercadorias, forma elementar da riqueza capitalista, em sua contradição interna manifestada no valor de uso e no valor de troca. Trata-se da descoberta básica de Marx - o desvendamento do mistério da mercadoria que encobre a mais-valia, constituída no processo imediato de produção, ponto central desse Livro. Portanto, aí está a concepção de mais-valia, cuja formação ocorre no espaço fabril. Também há uma exposição da teoria do dinheiro, exposta inicialmente em *Os Grundrisse* (2011) e sistematizada em *Para a crítica da economia política*. A publicação do Livro I d' *O Capital*, em 1867, traz ao conhecimento, do público interessado, a teoria da mais-valia, fundamento da Lei do valor trabalho; e isso ocorreu oito anos após a divulgação da *Para a crítica da economia política*, que contém em seu segundo capítulo, pela primeira vez, uma definição de preço.

No Livro I, quando Marx fala em trabalho socialmente necessário, ele se refere à "[...] *quantidade média de trabalho necessário para a produção desse dado produto, a um dado nível de desenvolvimento das forças produtivas*" (RUBIN, I. I., p. 189). Mas, naquele momento de sua obra, Marx trabalha com uma hipótese mais simples, partindo do suposto de que todas as mercadorias são produzidas em condições normais, médias; que o trabalho individual gasto na produção de uma mercadoria em particular corresponde à quantia equivalente ao trabalho socialmente necessário. Marx não leva em conta a diferença entre o valor individual e valor social, ou seja o valor de mercado, refere-se somente a valor, mas não a valor de mercado, como afirma Rubin:

Na primeira etapa de sua análise, Marx supunha que todos os exemplares de um dado tipo de produto eram produzidos em condições iguais, normais, médias. O trabalho individual despendido em cada exemplar coincidia quantitativamente com o trabalho socialmente necessário, e o valor individual com o valor social ou de mercado (idem, p. 190).

Portanto, Marx ainda não estabelece a oposição entre tempo de trabalho individual e tempo de trabalho socialmente necessário, tempo de trabalho que difere até em empresas de um mesmo ramo.

Diferente do Livro I d' *O Capital*, que trata da formação do valor e da mais-valia, o Livro II está centrado no mercado¹⁷, para explicar como a mais-valia se realiza. Trata-se da "[...] *imbricação social recíproca dos diferentes capitais, dos elementos de capitais e rendas [...] concebida como um movimento de mercadorias e dinheiro*" (MANDEL, 1998, p. 92). Esse enfoque permite a Marx formular os elementos fundamentais, se não uma teoria definitiva, à respeito do "[...] *ciclo econômico baseada na inevitabilidade do desequilíbrio periódico entre a oferta e a demanda no modo capitalista de produção*" (idem). Por conseguinte, o objeto de estudo do Livro II, centrado na análise do processo de circulação, é "[...] *a reprodução e circulação ("rotação") do capital social global*" (idem, p. 96). Nessa direção, Marx examina as metamorfoses do capital, em suas três formas: capital dinheiro, capital produtivo e capital mercantil, quando este último retorna à forma de capital dinheiro acrescido de mais valor, depois de passar por etapas intermediárias. Como diz Mandel, "*A reprodução ampliada denota um processo por meio do qual a rotação do capital [...] conduz [...] a uma escala cada vez maior de uma operação produtiva*" (idem, p. 97). Esse movimento de metamorfoses do capital é estudado por Marx, nesse Livro II, focalizando o processo de circulação de mercadorias. Nessa abordagem, retoma a especificação da questão do trabalho produtivo e trabalho improdutivo de mais-valia.

O objeto do Livro III (MARX, 2013, 2008^b, 2008^c) gira em torno da "Teoria da formação da taxa geral de lucro e do preço de produção". O essencial das teses desenvolvidas nesses capítulos do Livro III se encontra em *Teorias sobre a mais-valia*. Toda a base para explicar o processo de nivelamento da taxa de lucro, ou sua equalização, na obtenção da taxa geral de lucro que regula os preços de produção, encontra-se neste Livro III. A taxa geral de lucro, resultante do processo de concorrência entre capitalistas, compreende o estabelecimento do lucro médio a ser somado ao preço de custo das mercadorias para o cálculo do preço de produção. Como afirma Marx: "*O lucro de que ora falamos é apenas outro nome para a própria mais-valia, considerada em relação a todo o capital e não em relação ao capital variável*

¹⁷ Dos três livros d' *O Capital*, o menos lido segundo Mandel (1998).

donde deriva” (MARX, 2013, p. 284), como é o caso da mais-valia. Enquanto a taxa de mais-valia é a relação entre a massa de mais-valia e o gasto com o trabalho vivo empregado na produção da mercadoria, a taxa de lucro, diferentemente, é a relação entre a massa de mais-valia e todo o capital gasto nesse mesmo processo de produção (capital constante mais capital variável). Portanto, a taxa de lucro é calculada tendo como divisor todo o capital adiantado. Daí decorre a base para a mistificação das relações do capital, porque todas suas partes aparecem igualmente como fonte do valor excedente. Um dos problemas enfrentados foi esclarecer como os diferentes extratos da classe capitalista distribuem entre si a mais-valia expropriada dos trabalhadores, sob o comando do capital industrial, no processo de fabricação das mercadorias, trabalhada no Livro I. Então ele explica “[...] *como setores específicos da classe dominante participam na distribuição da massa total de mais-valia produzida pelos assalariados produtivos*” (MANDEL, 1987, p. 165). O juro, a renda da terra e o lucro são parcelas da mais-valia, distribuídas entre os capitalistas, partes da massa de mais-valia expropriada dos trabalhadores no processo de produção das mercadorias, significando trabalho não pago.

Para Mandel (1998, p. 166), a peça central do Livro III é a Lei tendencial à queda da taxa de lucro, que se relaciona com o nivelamento da taxa de juro e a elevação da composição orgânica do capital. Essa lei explica as recorrentes crises do capital e prenuncia sua final derrocada. Por isso o Livro III foi tão criticado. Depois de esclarecer as determinações da Lei tendencial da queda da taxa de lucro, Marx aborda o capital portador de juros e seu funcionamento através do sistema de crédito.

No último volume do Livro III Marx discute a origem da renda fundiária, chegando aos monopólios fonte de lucros excepcionais, independentemente da taxa média ou geral de lucro.

[...] a taxa geral de lucro é determinada por dois fatores: (1) pela composição orgânica dos capitais nos diferentes ramos, portanto diferentes taxas de lucro dos vários ramos; (2) pela repartição do capital total da sociedade nesses diferentes ramos, portanto pela magnitude relativa do capital aplicado em cada ramo particular e, por isso, a uma taxa particular de lucro; vale dizer, pela proporção das cotas do capital total da sociedade, absorvidas pelos ramos particulares de produção (MARX, 2013, p. 216).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concorrência é responsável pela dinâmica da circulação mercantil, onde os capitalistas lutam incessantemente pela incorporação de fatias mais volumosas da massa de mais-valia produzida, metamorfoseada na forma de massa de lucro. Nesse embate ferrenho por lucros máximos, as mercadorias aparecem no mercado com preços diferenciados, preços esses intermediários entre o preço de custo e o valor-mercadoria. Isso porque, como afirma Marx, o capitalista pode obter lucro vendendo produtos abaixo do valor-mercadoria. Quanto mais mais-valia extraída, ou seja, quanto maior for a parte do valor da mercadoria composta por mais-valia, maior o intervalo em que esses preços intermediários podem se mover. Mas o limite inferior é sempre o preço de custo da mercadoria; se descer abaixo dele, não há condições de serem repostos os elementos de sua fabricação. A manutenção desse limite resguarda ao capitalista o ressarcimento do capital-adiantado no processo produtivo. Desse modo, a sociedade de economia mercantil capitalista regula a atividade desenvolvida por seus habitantes; faz isso indiretamente através do valor dos produtos do trabalho, ou seja, do valor das mercadorias.

O preço de custo de uma mercadoria se diferencia da mais-valia e do valor-mercadoria, na medida em que ele está relacionado aos elementos gastos para produzir uma determinada mercadoria, sendo sua reposição necessária à continuidade do processo produtivo. O preço de custo é derivado da junção das diferentes partes do valor que repõem o capital-adiantado no processo de produção. Após se transformar em capital-dinheiro, passando a mercadoria das mãos do capitalista industrial para as mãos do capitalista comerciante, com a mercadoria já em circulação, a soma de valor gasto na produção precisa retornar ao capital produtivo para serem retomados os elementos necessários à sua reprodução, ou seja, na aquisição dos meios de produção e da força de trabalho, gastos equivalentes, por conseguinte, ao preço de custo de uma determinada mercadoria. O preço de custo nada tem a ver com a mais-valia e nem com sua forma transmutada de lucro. "A mais-valia é, antes de mais nada, um excedente do valor da mercadoria sobreposto ao custo dela" (MARX, 2013, p. 48), que se transfigura em lucro, enquanto que "[...] o preço de custo é igual ao valor do capital despendido, revertendo continuamente aos elementos

materiais deste" (idem, p.48-49). Isso significa que, após o processo de produção, a mais-valia, ou o excedente de valor, passa "[...] a ser acréscimo de valor do capital despendido para produzir a mercadoria e que reflui da circulação dela" (idem, p. 49), embora represente trabalho não pago e resulte exclusivamente do emprego da força de trabalho no processo de sua produção. Conclui-se que o preço de custo está relacionado diretamente com o capital adiantado na produção das mercadorias. O preço de custo é considerado pelo capitalista como "o valor intrínseco da mercadoria".

[...] pois esse preço é indispensável à simples conservação de seu capital. Além disso, o preço de custo é o preço de compra da mercadoria, pago pelo próprio capitalista para produzi-la, o preço de compra determinado pelo próprio processo de produção dela (idem, p. 52-53).

Por conseguinte, no preço de custo da mercadoria estão incluídos os gastos referentes à reparação do desgaste do capital fixo (meios de trabalho) e o valor total do capital circulante despendido, ou seja, as despesas em matérias utilizadas e em energia e os gastos com a força de trabalho. Há que se diferenciar duas categorias nas quais o capital adiantado se divide, no tocante ao processo de rotação: 1) o capital fixo, elemento de valor do capital produtivo (e não do capital-mercadoria) que continua em poder dos capitalistas (referente aos meios de trabalho, como instalações, equipamentos e maquinários), assim sendo, para iniciar um novo processo produtivo é necessário repor apenas os gastos com sua manutenção; e 2) o capital circulante, gastos com matéria prima, materiais auxiliares, energia e força de trabalho gastas, esses necessitam ser totalmente repostos no novo processo de produção¹⁸. Tais despesas precisam ser repostas para que seja iniciado um novo processo produtivo. E nessa reposição do capital adiantado, há uma diferença importante ressaltada por Marx: as matérias primas e matérias auxiliares (componentes do capital circulante) e igualmente os salários, "[...] têm constantemente de ser por inteiro repostas em cada venda do produto [...] sob a forma de fundo de reserva" (MARX, 2013, p. 147), enquanto que "[...] da maquinaria só se tem de repor o desgaste, e sob a forma de fundo de reserva, não sendo essencial, no

¹⁸ Sobre essa diferenciação ver: Marx, 2013^a, p. 47, também no Livro II, cap. VIII, que trata especificamente dessas categorias e sua necessária reposição, sob o título: "Capital fixo e capital" (MARX, 2003^b, p. 177-204).

caso, que cada venda contribua com sua cota para esse fundo, bastando que toda a venda anual forneça a correspondente cota" (idem). Daí deriva a luta em torno do preço de venda, que é fundamental para os capitalistas industriais, pois existe "[...] a possibilidade de o acréscimo no preço da matéria-prima cercear ou estorvar todo o processo de reprodução, desde que o preço obtido com a venda da mercadoria não seja suficiente para repor todos os elementos dela" (idem).

O valor-mercadoria pode ser identificado com o preço de produção, escondendo a mais-valia sob a forma transmutada de lucro.

Através da fórmula $M = k + l$, calcula-se o valor-mercadoria, que equivale ao preço de custo (k) acrescido do lucro (l), esse quantitativo calculado pela taxa geral de lucro, regulado pela Lei da concorrência capitalista, segundo a qual o preço de custo consiste no limite inferior do preço de venda. Isso quer dizer que o capitalista obtém lucro mesmo que a venda de sua mercadoria esteja abaixo do valor de mercado, mas não abaixo do preço de custo. Portanto, esta lógica do modo de produção capitalista é proveniente da lei da concorrência, obtendo-se gradativamente a redução do preço de custo das mercadorias com a introdução no processo produtivo de um maquinário cada vez mais eficiente e inovação no uso da tecnologia, acompanhando o desenvolvimento das forças produtivas e seu progresso técnico, elevando assim o índice de composição orgânica do capital empregado. Mas essa redução do preço de custo, através da substituição de trabalho vivo por trabalho morto, também é resultante da luta de classes, pois, essa é a única maneira que o capital dispõe para impedir o crescimento das reivindicações referente à elevação dos salários. Essa maneira é a elevação da composição orgânica do capital permite ao capitalista demitir parte de seu pessoal contratado. Ao substituir trabalho vivo por trabalho morto, reduz sensivelmente a taxa de mais-valia, ou seja, a relação entre gastos com capital constante e gastos com a força de trabalho (capital variável). Ou seja, o movimento do capital em direção à elevação da produtividade do trabalho desenvolve uma contradição, na medida em que reduz a taxa de mais-valia. Entretanto, o mercado vai resolver essa contradição, ou seja, no processo de circulação das mercadorias, com a formação do preço de produção (preço de custo mais lucro médio), é regulada

a distribuição da mais-valia, cabendo a a cada capitalista a parte alíquota segundo a quantia de capital aplicado.

Apreende-se que, numa sociedade capitalista plenamente desenvolvida, e em funcionamento normal, nenhum capitalista recebe diretamente a mais-valia extraída de seus trabalhadores mediante o trabalho excedente, ou, trabalho não pago. A mais-valia extraída é distribuída por todos os ramos produtivos, proporcional à cota de capital individualmente aplicado em relação ao capital global despendido naquela sociedade. E isso tem a ver com a composição orgânica de seu capital aplicado. Através da concorrência, é estabelecida no mercado a taxa média de lucro (ou a taxa geral de lucro), aplicada mais ou menos em cada ramo produtivo, processo do qual decorre o nivelamento dos preços e valores de mercado. Assim, as empresas que têm composição orgânica de seu capital abaixo da média social, não realizam toda a mais-valia extraída de seus trabalhadores e incorporada em suas mercadorias. Em decorrência da taxa média de lucro, há um nivelamento dos preços das mercadorias, sendo transferida uma parte dessa mais-valia produzida aos capitalistas cujas empresas tenham a composição orgânica de seu capital acima da média social. Por conseguinte, vê-se que o mercado premia os capitalistas que economizam em força de trabalho, ao elevar os gastos com equipamentos, substituindo-os por outros mais modernos, acompanhando o desenvolvimento das forças produtivas.

Segundo Mandel, a Lei tendencial à queda da taxa de lucro é muito combatida pelos críticos de Marx, desde a publicação do Livro III, quando Marx já havia falecido. Isso porque a Lei tendencial atribui à queda da taxa de lucro a responsabilidade pelo desencadeamento de crises, abrindo a possibilidade da derrubada final do capitalismo como modo de produção dominante. Uma das estratégias de enfrentamento da tendência à queda da taxa de lucro, é a realização de guerras, quando se queimam capitais, além de promover a destruição de cidades e outras regiões, como a morte de grandes contingentes populacionais, a exemplo da I e II Guerras mundiais.

4. REFERÊNCIAS

DOSTALER, Gilles. *Valeur et prix. Histoire d'un débat*. Paris: L'Harmattan, 2013.

MANDEL, Ernest. *Traité d'économie marxiste*. Vol. 1. Paris, Juliard, 1962a.

_____. *Traité d'économie marxiste*. Vol. 2. Paris, Juliard, 1962b.

_____. *La crise*. Paris: Flammarion, 1985b.

_____. *"O Capital". Cien años de controversias en torno a la obra de Karl Marx*. México: Siglo Veintiuno editores. 1998.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Coleção Os pensadores).

_____. Introdução [à Crítica da Economia Política]. In: _____. *Para a Crítica da Economia Política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar*. São Paulo: Abril Cultural, 1982a, p. 3-21 (Os Pensadores).

_____. *Para a Crítica da Economia Política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar*. São Paulo: Abril Cultural, 1982b (Os Pensadores)

_____. *Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Grundrisse) 1857-1858*, vol. 1. México: Siglo Veintiuno editores, 1997a .

_____. *O Capital. Crítica da Economia Política. O processo de produção do capital*. Livro I, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a (tradução de Reginaldo Sant'Anna).

_____. *O Capital. Crítica da Economia Política. O processo de produção do capital*. Livro I, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003b (tradução de Reginaldo Sant'Anna).

_____. *O Capital. Crítica da Economia Política. O processo de circulação do capital*. Livro II, vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008a (tradução de Reginaldo Sant'Anna).

_____. *O Capital. Crítica da economia política. O processo global de produção capitalista*. Livro III, vol. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013 (tradução de Reginaldo Sant'Anna).

_____. *O Capital. Crítica da economia política. O processo global de produção capitalista*. Livro III, vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008b. (tradução de Reginaldo Sant'Anna).

_____. *O Capital. Crítica da economia política. O processo global de produção capitalista*. Livro III, vol. 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008c (tradução de Reginaldo Sant'Anna).]

_____. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

RUBIN, I. I. *A teoria marxista do valor*. São Paulo: Livraria e Editora Polis Ltda., 1987.